

Maldição e tortura em casarões

Histórias de mistérios em casarões antigos de Norte a Sul do Estado continuam no imaginário e assustam moradores até hoje

Alessandro de Paula
Fabio Segantini
Nilo Tardin
ITAGUAÇU

Histórias de maldições, torturas e assombração em antigos casarões em municípios do Norte e Sul do Estado intrigam até hoje e causam arrepios em quem mora próximo deles.

Um desses relatos misteriosos é o de uma mansão em ruínas no interior de Itaguaçu, região centro-serrana, que esconde histórias de fortuna, maldição e mortes atribuídas a um coronel que dominou vastas extensões de terras no vilarejo Sobreiro.

Segundo os relatos, o coronel mandou erguer o casarão com um fosso debaixo do assoalho, onde prendia e executava seus inimigos.

A masmorra nunca foi encontrada pelos moradores, que ainda guardam na memória os relatos de torturas à base de chicotadas que o coronel impunha a quem ousasse desobedecê-lo.

Em precário estado de conservação, a mansão Villa Amparo – segundo consta, é o nome da mu-

lher do coronel –, foi comprada pela prefeitura há três anos.

“Os antigos contam que no final do mês ele pagava os empregados e os convidava para beber na casa. Depois tomava o dinheiro e os jogava num fosso debaixo da casa”, disse o lavrador José Deca, 53.

As grandes festas e bailes realizados na Villa Amparo também habitam a imaginação dos moradores do lugarejo. A mansão de 12 cômodos com lareira, teto em madeira de lei e capela de devoção a São Sebastião foi erguida em 1933.

“Dizem que existe ouro enterrado ali. Falam que, devido aos crimes e maldades, a fortuna foi amaldiçoada”, conta a comerciante Luiza Delaprane, 77, que mora na localidade há mais de 40 anos.

A lavradora Iracema Rodrigues de Souza, 53, confirma que também cansou ouvir relatos da masmorra: “Faziam uma grande plantação de milho e colocam pessoas para cuidar, se desse algo errado eram punidas com chicotadas”.

De acordo com o prefeito Romário Basílio, a proposta do município é transformar a mansão em centro cultural, biblioteca ou museu.

“Dizem que existe ouro enterrado ali. Falam que, devido aos crimes, a fortuna foi amaldiçoada”

Luiza Delaprane, moradora de Sobreiro



LAVRADORES contam histórias da mansão Villa Amparo, erguida em 1933: local foi palco de grandes festas

Suicídio e barulho de correntes

SÃO PEDRO DO ITABAPOANA

Um suntuoso casarão em ruínas situado às margens da rodovia que liga a sede ao distrito de São Pedro do Itabaopana, em Mimoso do Sul, causa arrepios nos moradores da região, que contam ouvir barulho de correntes dos escravos que viveram na propriedade.

É a Fazenda Palestina, construída em 1894 por Joaquim Gomes de Paiva, o coronel Quincas Gomes, homem muito influente na região. Na época, o casarão foi cenário de saraus e reuniões políticas importantes.

Hoje, está abandonado. Moradores antigos da região contam histórias de suicídios de membros da família e também de ouvirem barulhos de correntes dos escr-



ALESSANDRO DE PAULA

FAZENDA PALESTINA, em Mimoso do Sul, foi cenário de saraus e reuniões políticas importantes no século XIX. Hoje, o casarão está abandonado

vos que viviam na propriedade.

Na avaliação da historiadora e secretária de Cultura, Rosângela Guarçoni, apesar da inauguração da propriedade ter ocorrido após a abolição da escravatura, a fazenda

chegou a ser habitada bem antes e teve escravos.

“Tem inclusive um belo cemitério construído a 2,5 quilômetros da sede da fazenda que ainda está de pé”, destacou a secretária.

Som de passos de quem já morreu

SÃO MATEUS

Construído em 1764 para ser a primeira cadeia pública e Casa de Câmara, o casarão que hoje é o Museu de São Mateus, Norte do

Estado, guarda em seu interior alguns objetos e histórias de fantasmas que intrigam até hoje os visitantes.

Em seu acervo estão peças da época da escravidão e objetos doa-

dos por antigos moradores que retratam alguns períodos do município, como moinhos de farinha, peças da antiga ferrovia que ligava a cidade ao município vizinho de Nova Venécia, correntes e algemas usadas para prender bandidos perigosos da época, entre outros.

Entre as histórias contadas pelos funcionários e visitantes, estão as de ouvirem, à noite, ruídos e sons de passos de moradores que já morreram e de correntes nos antigos calabouços do prédio.

Quem trabalha no local atualmente não se arrisca a dizer o que realmente acontecia, ou ainda acontece, à noite, no lugar.

O morador Vinicius Almeida, 26, afirma que já ouviu histórias do início do século passado, mas que foram perdidas com o tempo.



FABIO SEGANTINI

MUSEU DE SÃO MATEUS tem peças da época da escravidão e já funcionou como presídio: histórias de fantasmas intrigam visitantes até hoje



ALESSANDRO DE PAULA

RESIDÊNCIA de 1825 já abrigou prisão e Câmara Municipal de Itapemirim

Chacina no porão de prédio

ITAPEMIRIM

Além dos acalorados debates durante as sessões, alguns vereadores e funcionários do antigo prédio da Câmara de Itapemirim, que atualmente está desativado, também costumavam ouvir barulhos de corrente de ferro e estalos que causavam arrepios.

É que na parte inferior do centenário casarão funcionou durante um século a cadeia do município, que foi alvo de uma chacina ocorrida há cerca de 50 anos em que vários detentos acabaram sendo mortos dentro das celas.

“Já cheguei a ouvir o barulho

mais de uma vez. Alguns colegas também já ouviram e ficaram assustados”, disse o oficial administrativo Fernando Moreira Pinheiro, funcionário da casa há 28 anos.

A estrutura foi construída como uma residência por volta de 1825, mas foi desapropriada em 1857 para ser a sede do poder público municipal da época, a Casa de Câmara e Cadeia, sofrendo reformas até 1864, quando ganhou as feições atuais.

Na avaliação do arquiteto e urbanista Genildo Coelho Hautequestt Filho, os estranhos barulhos são causados pelo processo de dilatação e retração da estrutura.